

Como desbancar as "fake news" e nunca mais chamá-las por esse nome

Transcrições das vídeo-aulas - Módulo 3

[Módulo 3: Vídeo 1](#)

[Módulo 3: Vídeo 2](#)

[Módulo 3: Vídeo 3](#)

[Módulo 3: Vídeo 4](#)

Módulo 3: Vídeo 1

Olá! Bem-vindo ao módulo 3 do curso “Como desbancar fake news e nunca mais chamá-las por esse nome” realizado pelo Knight Centro de Jornalismo para as Américas e a ANJ, com apoio do Google News Initiative. Eu sou a Bárbara Libório, editora do veículo de fact-checking Aos Fatos e do Canal Meio e vou estar junto a vocês esta semana, mostrando como seguir as pegadas digitais que todos — incluindo eu e você — deixamos na internet.

Nós vamos nos concentrar, basicamente, no item número 2 da [checklist](#) de verificação indicada pelo First Draft: Quem produziu o conteúdo no qual estamos nos debruçando? Quem é a nossa fonte?

Saber encontrar informações sobre pessoas na internet é importantes por vários motivos. O debunking também mora nos detalhes. Muitas vezes um nome errado ou um cargo desatualizado denunciam que aquele conteúdo foi manipulado. Aqui há dois exemplos: em junho deste ano começou a rodar a informação de que o juiz Sérgio Moro estaria muito doente e que teria sido atendido por um médico, que teria pedido um desfibrilador e afirmado que ele estava com problemas de coração e pressão. Um simples copiar e colar do texto no Google já denunciava que aquele conteúdo era antigo — aquilo, na verdade tinha acontecido com o ex-presidente Lula —, mas uma boa dica estava também no nome do médico.

Ao buscar pelo perfil desse médico, a gente logo descobre em diversos sites, inclusive no seu LinkedIn, que ele é médico de família e comunidade em São Bernardo do Campo, em São Paulo - a cidade de Lula. O que ele estaria fazendo em Curitiba?

Outro exemplo é de uma notícia que dizia que a cantora Pablllo Vittar tinha sido convidada para cantar na abertura da Copa do Mundo, na Rússia, a pedido do presidente da CBF, Marco Polo Del Nero. O problema é que Del Nero já não era mais dirigente da CBF. Ele já tinha sido substituído.

Saber rastrear as pegadas digitais de alguém é importante ainda para encontrar testemunhas de grandes eventos, pessoas que possam corroborar ou refutar informações, e também para encontrar os autores de determinados conteúdos — tanto para pedir a sua autorização para replicar um vídeo ou imagem, quanto para saber se aquele conteúdo é verdadeiro e original.

A primeira coisa que fazemos quando acontece um grande evento, como um incêndio, um desabamento, ou mesmo um ataque terrorista, é buscar pessoas que estejam lá e que possam ser fontes confiáveis. Isso se torna muito mais fácil quando sabemos usar as ferramentas certas. Mas antes, um aviso: monitorar as informações nas redes sociais é muito importante, mas elas devem ser tratadas da mesma forma que aquelas vindas de qualquer outra fonte: com ceticismo.

Vamos começar pelo Tweetdeck, aqui no ícone de busca. O que eu quero fazer é criar um alerta para receber tweets que tenham a palavra “incêndio” em São Paulo. A gente quer estar atento se algo acontecer e quer informações de quem esteja próximo, certo? Então colocamos a palavra “incêndio”, e começamos a aplicar alguns filtros. Primeiro o de localização: eu vou colocar a cidade de São Paulo, mas daqui a pouco vamos ver como podemos ser ainda mais específicos. Eu também posso colocar aqui um limite mínimo de RTs que esse tweet deve ter. Esse parâmetro é importante para que eu não receba um alerta toda vez que um tweet com essa palavra aparecer. Eu quero pegar a notícia desde o começo, mas também não quero perder tempo com bots ou spammers. Se eu estivesse buscando só por vídeos e imagens, eu também poderia filtrar isso aqui. Por fim, posso configurar as preferências do alerta que eu vou receber quando um tweet com essas características aparecer.

E eu também posso fazer essa busca no próprio Twitter, usando operadores. E posso ser ainda mais específica. Agora, eu quero buscar tweets com a palavra incêndio que tenham sido publicados próximos a Avenida Paulista, no centro de São Paulo. Isso é possível se eu souber a latitude e longitude desse local. Basta eu buscá-lo no Google Maps e encontrar, ali na URL, esses dois números. Vou também colocar um raio de proximidade desse local: por exemplo, 10 quilômetros. E aqui eu vou me precaver de bots e spammers: vou buscar tweets só de contas que tenham pelo menos 10 RTs. Nos materiais de referência vocês vão encontrar uma lista desses operadores.

Essas buscas permitem a gente sair na frente com uma notícia que ainda está acontecendo e procurar fontes confiáveis e oficiais que possam confirmar o que está sendo atualizado na rede. Em alguns casos, contactamos a pessoa que enviou a informação no Twitter e tentamos determinar se ela é confiável.

O Tweetdeck, aliás, também é ótimo para criar listas de usuários. Eu posso fazer uma lista de fontes confiáveis, com as contas de polícia, corpo de bombeiros, defesa civil, prefeitura, etc, para ficar atento ao que está acontecendo. É só eu ir em mais, listas, criar lista e adicionar os perfis que quero incluir.

O legal da busca do Twitter e do Tweetdeck é que elas tem uns filtros bem completos. Mas há outros caminhos também. No YouTube, usando os filtros certos, a gente também pode buscar pelos uploads feitos na última hora. Se a gente sabe que houve um ataque terrorista em São Paulo, por exemplo, buscando pelas palavras-chave e pelos uploads da última hora a gente pode ver o que subiu para a plataforma. Mas é importante lembrar que a data do upload não é necessariamente a mesma data em que aquele vídeo foi produzido.

Bom, agora nós já aprendemos a usar algumas ferramentas para encontrar fontes. Mas precisamos ficar atentos para não sermos enganados por bots e perfis falsos. É importante se atentar a algumas bandeiras vermelhas:

1. Data de criação: Essa conta é muito nova ou foi criada em um momento específico oportuno?. Por exemplo: no dia de um desastre natural, no dia de um grande evento político, no dia do lançamento da candidatura de alguém...
2. Essa conta tem poucos posts ou pouco conteúdo próprio? É comum que as contas de bots e spammers tenham mais retweets do que postagens próprias.
3. Essa pessoa pertence claramente a alguma organização, partido político, etc? Isso é importante para identificarmos se há alguma intenção na postagem de determinado conteúdo.
4. Fique de olho nos seguidores. Quantos seguidores essa conta têm? Dê uma olhada no primeiro seguidor dela e na primeira conta que ela seguiu. Se parecer um perfil falso ou bot, fique atento.
5. Há ferramentas que nos ajudam a apurar se essa conta pode ser um bot. A brasileira PegaBot é uma delas. Você coloca o nome de usuário da conta e ela te retorna uma probabilidade daquela conta ser ou não um bot. Há outras, como o BotOrNot, o Botometer e o Twitter Audits. O bacana é que alguma delas analisa não só o perfil, mas também os seguidores e amigos dessas contas. Assim você pode se atentar caso a rede de amigos dessa pessoa seja só de fakes.
6. Uma outra ferramenta legal é o Treeverse. Ele te permite visualizar conversas dentro do Twitter na forma de árvores. Dessa maneira, conseguimos ver as relações e interações desse usuário com outras contas. Dá para ver quais são os perfis com os quais ela se relaciona, se são de um grupo específico, que têm determinada opinião, etc

Nos próximos vídeos, vamos falar mais sobre as peças desse quebra-cabeça e sobre como montá-lo para encontrar pessoas na rede.

Módulo 3: Vídeo 2

Olá! Bem-vindo ao segundo vídeo do módulo 3 do curso “Como desbancar fake news e nunca mais chamá-las por esse nome” realizado pelo Knight Centro de Jornalismo para as Américas e a ANJ, com apoio do Google News Initiative. Vamos continuar vendo como seguir as pegadas digitais de alguém. Muitas vezes, para começar esse caminho, a gente tem só um nome. Em outras, só uma foto. Às vezes só um nome de usuário em uma rede social. Mas todo mundo deixa rastros. Quando falamos de encontrar pegadas digitais, algumas informações podem ser bastante importantes. O ideal é tentar criar um dossiê que inclua o máximo dessas informações:

1. O nome da pessoa, tendo em mente diferentes variações: Poliana pode ser escrito com um L, com dois Ls, com Y, com I... A grafia de nomes estrangeiros, que nem sempre são escritos como nós os pronunciamos... E pensar também que o nome pode ter mudado quando a pessoa se casou ou se separou.
2. A cidade em que a pessoa vive e em que nasceu.
3. A profissão da pessoa e o local em que ela trabalha
4. Nomes de amigos e familiares, pois elas podem aparecer em listas de amigos e seguidores.
5. O número de telefone da pessoa, que pode aparecer em páginas da web encontradas nas pesquisas do Google.
6. Qualquer um dos nomes de usuário da pessoa, pois é comum que as pessoas tenham o mesmo user ou users bastante parecidos em diferentes redes.
7. O endereço de e-mail da pessoa, pois eles podem ser inseridos no Facebook para revelar as contas vinculadas.
8. Se você não souber um endereço de e-mail, mas tiver uma ideia do domínio que a pessoa usa, sites como o formato de e-mail podem ajudar você a adivinhá-lo. Isso pode ser bastante útil no caso de e-mails profissionais, porque é comum que eles sigam um padrão. Pode ser o nome.sobrenome@nomedaempresa.com.br. Se você sabe que o formato é assim, pode chutar o e-mail da pessoa que está procurando.
9. Uma fotografia.

Outras informações, como lugares que ela costuma frequentar, hobbies e interesses também podem ser úteis. Mais tarde vou explicar o porquê. Lembre-se que algumas dessas informações como o e-mail, o telefone e os sites pessoais são informações únicas, não existe outro igual. Isso ajuda bastante. As pessoas usam diferentes redes sociais e não fazem ideia de como combinações de informações obtidas em diferentes lugares podem nos ajudar a construir um dossiê sobre elas. Um perfil com poucas informações pessoais, mas contendo apenas a URL de um site, por exemplo, oferece ao jornalista a chance de obter seu contato agora que vocês já aprenderam a checar os registros de domínios online.

Aqui temos um exemplo de rastreamento que deu certo nos Estados Unidos. Jornalistas queriam saber se o vídeo de um raio que cai em cima de uma árvore no jardim de uma casa durante uma tempestade era real. Eles só tinham o nome da pessoa que aparecia na conta do YouTube: Rita Krill. Ela nunca tinha publicado algo antes. Nos Estados Unidos existem sites de busca por pessoas que são realmente muito bons, como o Spokeo, o Pipl e o Peekyou. Pesquisando, eles descobriram que havia só cinco Ritas Krills no país e puderam ver suas localizações. Como o cenário do vídeo, com palmeiras, indicava uma tempestade de verão, eles optaram por começar as buscas entre Arizona e Flórida. No Spokeo, a busca foi fácil: eles acharam o telefone e endereço de uma Rita Krill na Flórida, mas precisavam ter certeza de que aquela era a pessoa certa antes de contatá-la. Eles foram procurar o nome no Facebook, e encontraram uma pessoa que tinha no perfil uma foto com um cachorro muito parecido ao que aparecia no vídeo. Mas não foi só isso. Eles verificaram ainda, usando ferramentas de localização e de clima, se havia tido uma tempestade na Flórida no dia em que o vídeo apareceu para o Youtube. Tudo correto. Ok, parecia ser a Rita certa. Por fim, eles colocaram o endereço encontrado no Spokeo no Google Maps e conseguiram ver, pelas imagens de satélite, que aquela era realmente a casa filmada. Foi assim que eles conseguiram entrar em contato com a Rita e verificar que aquele vídeo era real — no fim das contas, ela enviou até fotos dos danos causados pelo raio em seu jardim.

Nem todas essas ferramentas funcionam maravilhosamente bem no Brasil, como o Spokeo e o Peekyou. Algumas, como o Pipl, sim. Fazendo uma busca pelo meu nome e a cidade de São Paulo, é possível encontrar rapidamente informações sobre minha graduação, minha carreira, fotos e perfis relacionados.

Mas como não há tantas opções, saber usar a busca do Google pode parecer óbvio mas é muito importante. Simples busca como essas podem revelar perfis e informações valiosas:

1. Nome + sobrenome
2. Nome + data de nascimento
3. E-mail
4. Nome de usuário
5. Nome + sobrenome + lugar de trabalho
6. Nome + sobrenome + “contatos”

Aqui, algumas dicas são importantes: usar a busca avançada e os operadores de busca do Google. E se a pessoa que você está procurando vive em outro país, mude o idioma e a região na hora de buscar.

A busca reversa de imagens que vocês aprenderam no módulo anterior também pode ser útil. Se você tem a foto de perfil de alguém em uma rede social, buscando no Google você pode encontrar outros lugares e perfis onde essa foto foi publicada. Além disso, se você usar uma foto do Instagram da pessoa procurada e a colocar no Google, existe a possibilidade de que o buscador descubra onde a foto foi tirada.

Para descobrir informações profissionais sobre alguém, um bom caminho é o LinkedIn. Ele foi projetado principalmente para redes de negócios e sua pesquisa avançada parece ter sido feita principalmente para recrutadores, mas ainda é muito útil para investigadores e jornalistas. Antes de começar a usá-la, no entanto, uma dica importante: você precisa fazer o login no LinkedIn para usar a pesquisa avançada, então lembre-se de verificar suas configurações de privacidade. Você não quer deixar rastros no perfil de alguém que está investigando, não é? Se você não configurar sua privacidade, a pessoa será avisada se você acessar o perfil dela.

Agora sim. Você pode inserir palavras-chave normais, nomes e sobrenomes, assim locais, empregadores atuais e anteriores, universidades e outros operadores, como o cargo e conexões. Esse é um jeito muito fácil de encontrar pessoas com determinada nome que trabalham em certa empresa em determinada cidade. Ou eu ainda posso buscar por todos os profissionais que trabalham em uma empresa.

A visualização de informações nos perfis fica mais fácil ainda se eu tiver uma extensão instalada, como o ContactOut e o Discoverly. São extensões que, ao entrar no perfil de um usuário no LinkedIn, me indicam perfis de outras redes sociais relacionados, além de informações de contato. No meu perfil, por exemplo, o Discoverly indica o meu Facebook. Em outros perfis, ele me mostra o e-mail do usuário. E lembre-se: com informações como a profissão e o emprego atual ou passado e alguém, posso fazer mais buscas com os operadores do Facebook.

No próximo vídeo, vamos aprender a rastrear pessoas no Facebook.

Módulo 3: Vídeo 3

Olá! Bem-vindo ao terceiro vídeo do módulo 3 do curso “Como desbançar fake news e nunca mais chamá-las por esse nome” realizado pelo Knight Centro de Jornalismo para as Américas e a ANJ, com apoio do Google News Initiative. Agora, vamos falar do Facebook. As dicas que vamos ver nesse vídeo nos ajudam tanto a encontrar fontes, como vimos no Tweetdeck, quanto a encontrar mais informações sobre alguém específico.

Já foi mais fácil encontrar pessoas pelo Facebook, mas desde o escândalo da Cambridge Analytics a rede restringiu um pouco as formas de buscar por pessoas, para preservar a privacidade delas dentro da plataforma. A busca por telefone, por exemplo, que era muito útil, já não funciona muito bem. Mas nem tudo está perdido. Assim como o Twitter e o Google, o Facebook tem operadores de busca que podem facilitar muito a nossa vida. Dá para fazer verdadeiros milagres com eles.

E o bom é que você não precisa decorar todos eles. Há vários sites que te ajudam a fazer essa busca e a usar esses operadores, como o [Research Clinic](#) e a ferramenta do Facebook Graph Searching. Com esses operadores eu posso buscar, por exemplo, pessoas que moram em uma determinada cidade e trabalham num determinada local. O próprio site te traz alguns exemplos de buscas. Antes de tudo, coloque o idioma do seu Facebook como "inglês". Os endereços da pesquisa de gráficos sempre começam com: www.facebook.com/search/ seguido por códigos de ID, que identificam pessoas e páginas, e dos "operadores" que definem a função.

O próprio site te dá sugestões de busca. Olha só, eu vou personalizar essa busca aqui: People who live in Town A and work for Company B. Eu quero procurar quem vive em São Paulo e trabalha na Folha de S.Paulo. Mas primeiro, eu preciso buscar nesse site aqui, o [Find My ID](#), o ID da cidade de São Paulo e o ID da página da Folha de S.Paulo dentro do Facebook. Aí é só substituir. Legal, né? Mas pode ficar ainda melhor. Eu posso procurar por pessoas chamadas [Anna](#), que vivem em São Paulo e trabalham no jornal. É essa busca aqui: People named XXX who live in Town A and work for Company B. Eu só substituo o nome e efetuo a busca. Isso é muito útil quando eu tenho peças soltas e quero montar um quebra-cabeça. E eu não preciso ficar refém dos modelos dos sites, eu posso montar a busca como eu quiser.

Tem também uma coisa muito legal nesses operadores que é a busca por profissões. Essa busca aqui, por exemplo, é por [professores](#) que moram perto de Londres. Pode ser útil se houve um tiroteio em escola, por exemplo. No próprio site do [Research Clinic](#) há uma lista de operadores de profissões.

Você também pode buscar pessoas por outras características, como a visão política, a religião e outras informações que as pessoas podem colocar em seu Facebook. Por isso, saber hobbies e interesses da pessoa que você está buscando pode ajudar. Você pode tentar encontrar pessoas chamadas "Bárbara" que curtem a página de uma revista de corrida, por exemplo, ou de culinária, esse tipo de coisa...

Agora, eu vou mostrar um outro exemplo com um site muito legal, o Intel Techniques. Eu estou buscando por uma pessoa chamada Camila que visitou um determinado lugar, no caso, o Parque da Independência, no Ipiranga, em São Paulo. Como fazer isso? Primeiro, eu busco o ID desse lugar. Agora, aqui na busca do site, eu faço a busca casada entre o nome Camila e esse ID. Olha só, todas as Camilas que já visitaram esse lugar. Checar os lugares onde uma pessoa esteve é importante para verificar se é possível que ela esteja onde diz estar: uma pessoa que fez um check-in no Rio de Janeiro durante a manhã dificilmente estará em Madrid durante a tarde. Se ela postou um conteúdo de um acontecimento na Espanha, aquele conteúdo pode não ser o original, ou pode ser falso.

Com o Intel Techniques você também pode facilmente cruzar informações de duas pessoas. Então se eu quero saber que relação existe entre elas, por exemplo, se elas já foram em

eventos em comum, eu posso casar essa busca com o ID dos dois perfis. Posso buscar os lugares que elas já fizeram check-in em comum, fotos marcadas juntos, além de ver os amigos em comum.

Outra coisa legal: lembra daquelas plataformas que falamos mais cedo, com o Spokeo e o Pipl? O Intel Techniques as agrega. Você pode colocar nome e sobrenome e fazer a busca em várias deals. O site também também tem uma busca avançada para o Twitter, onde você acha arquivo de tweets, o primeiro tweet da pessoa, perfis relacionados e outras informações super úteis. E tem também uma parte para o Instagram e o LinkedIn. Algumas buscas às vezes dão bugs, mas em geral a do Facebook funciona muito bem. Depois, com calma, vocês podem testar várias coisas na plataforma.

Depois que você já achou o perfil que te interessa, tem um outro site bem legal que te ajuda a esmiuçá-lo. É o Stalk Scan. Eu coloco o link do perfil que eu quero analisar e ele vai carregar as informações. Dá para ver todos os bares em que a pessoa já fez check-in, os hotéis, informações pessoais como os co-workers, quem estudou junto a essa pessoa, a família, quais são os interesses dela — desde livros até as preferências políticas — fotos e vídeos que essa pessoa curtiu, etc. Mas vale lembrar: nenhuma dessas ferramentas fere a privacidade desses perfis no Facebook. Por isso é tão importante estarmos atentos às nossas configurações de privacidade se não quisermos ser rastreados.

Agora que já passamos por todas as principais redes sociais, vamos ver como fazer uma análise final da nossa fonte para a classificarmos como confiável ou não. Examine a "pegada digital" dela fazendo as seguintes perguntas:

1. Você pode confirmar a autenticidade desta conta?
2. Você pôde chegar ao seu contato?
3. Conteúdos postados por ela se mostraram confiáveis no passado?
4. Verifique o histórico do uploader na rede social: Quão ativo ele é na conta? Sobre o que ele fala e o que compartilha?
5. Que informações biográficas são evidentes na conta? Existem links para outros sites?
6. Onde o uploader mora, a julgar pelo histórico da conta?
7. Verifique a quem ele está conectados na rede social: Quem são os seus amigos e seguidores? Quem eles está seguindo? Com quem ele interage?
8. Tente encontrar outras contas associadas com o mesmo nome/login de usuário em outras redes sociais, a fim de encontrar mais informações:
9. Se você encontrar um nome real, use as ferramentas de pesquisa de pessoas (Spokeo, White Pages, Pipl.com e WebMii, por exemplo) para encontrar informações como endereço, e-mail e número de telefone.
10. Confira outras redes sociais, como o LinkedIn, para saber mais sobre a experiência profissional da pessoa.
11. Confira se a conta do Twitter ou do Facebook é verificada. Aqui, uma dica: passe o mouse sobre o "tique" azul. Se a conta houver sido verificada pelo Twitter ou Facebook,

um pop-up irá dizer "conta verificada" ou "página verificada". Alguns usuários tentam falsificar ou imitar esse selo.

12. O que as contas desse usuário te dizem sobre sua localização recente, atividades, predisposições ou interesses pessoais relacionados ao tema que você está investigando?

Aqui, vamos para mais um estudo de caso, dessa vez sobre um vídeo do atentado à Maratona de Boston. Os jornalistas tinham em mãos um vídeo postado no YouTube que foi filmado por alguém que estava prestes a chegar na linha de chegada quando a segunda bomba foi detonada poucos metros à frente. Eles já tinham uma lista de fontes confiáveis, e uma delas já havia twittado uma foto do incidente localizado na rua Boylston. Com a ajuda do Google Maps, eles verificaram que o cenário do vídeo era a mesma rua, o que tornavam grandes as chances dele ser real. Mas encontrar a fonte daquele conteúdo não foi assim tão fácil.

O vídeo tinha carregado para uma conta do YouTube sem detalhes de identificação e com um nome de usuário estranho: NekoAngel3Wolf. Uma busca no Twitter pelo código único do vídeo, como vocês viram no módulo anterior, os levou a um usuário que o estava compartilhando sob a alcunha de NightNeko3, mais uma vez sem dados pessoais. A referência "Neko" em ambos os perfis sugeriu que havia uma ligação entre eles. Procurando perfis semelhantes em redes sociais, eles encontraram uma conta do Pinterest também registrada como NightNeko3, na qual constava o nome Morgan Treacy. A equipe do Storyful localizou rapidamente a conta do Facebook de Morgan Treacy, uma adolescente cujas publicações vinham, de acordo com a geolocalização, de Nova Iorque.

Morgan descreveu o vídeo no Twitter como a perspectiva da explosão vista pela sua mãe. Uma maratona de prestígio como a de Boston provavelmente registraria o tempo dos atletas, então os jornalistas verificaram o sobrenome "Treacy" na página de registro da Boston Athletic Association. Um só resultado foi encontrado: Jennifer Treacy, de 45 a 49 anos, do Estado de Nova York. O site de busca de pessoas Spokeo.com deu um resultado para o nome Jennifer L. Treacy, 47, com um endereço em Ballston Spa, Nova Iorque. No LinkedIn, eles encontraram um perfil de Jennifer Treacy de Ballston Spa, funcionária do Departamento de Saúde do Estado de Nova York.

Eles ainda tiveram outra confirmação: investigando no Facebook, eles tiveram certeza de que Jennifer e Morgan era mãe e filha. E havia um homem, Gerard Quinn, que era amigo de Morgan e comentava em suas fotos. Checando seu perfil, viram que ele havia expressado orgulho pelo fato de sua sobrinha, Jennifer, ter ido correr a maratona de Boston. Ele havia colocado links para o mapa do seu percurso na maratona e para os registros do seu tempo de corrida. Além disso, mais tarde ele comentou no Facebook que Jennifer estava ok depois da explosão e a caminho de casa.

Módulo 3: Vídeo 4

Olá! Bem-vindo ao quarto vídeo do módulo 3 do curso “Como desbancar fake news e nunca mais chamá-las por esse nome” realizado pelo Knight Centro de Jornalismo para as Américas e a ANJ, com apoio do Google News Initiative. Chegou a hora de falarmos da importância das marcas temporais, ou seja, de checar quando aquele conteúdo foi realmente produzido. Esse pode ser um dos elementos mais difíceis de checar.

Voltando ao caso da maratona de Boston, por exemplo, ao checar os registros da corrida, os jornalistas tentaram verificar a que horas Jennifer teria chegado à linha de largada para confirmar se teria mesmo sido próximo ao momento da explosão. Os dados mostravam que ela ultrapassou a marca de 40 km às 14h38, mas não cruzou a linha de chegada dois quilômetros depois. Jennifer estava correndo a uma média de 6 minutos por quilômetro, então teria estado próxima à explosão às 14h50, que foi realmente quando as bombas explodiram.

Bom, vamos começar descobrindo como encontrar informações sobre data e hora de uploads nas redes sociais, e em que formatos elas nos são apresentados. Cada rede nos informa isso de um jeito. Mas mais uma vez, vale lembrar: as datas de uploads não são as datas em que as fotos foram tiradas ou, os vídeos, filmados. Por isso é importante você olhar para o conteúdo original quando possível, e também tentar encontrar a pessoa que o produziu, como vimos nos módulos anteriores.

Há ainda uma outra ressalva: temos fuso-horários diferentes e é preciso atentar-se ao formato em que a data e o horário aparecem na internet. Um vídeo que aparece com upload de 12h de um dia no horário brasileiro pode ter sido incluído, na verdade, às 17h na Espanha. Vamos ver como cada rede faz isso.

No Twitter: horário e data são exibidos no fuso selecionado nas configurações de sua conta do Twitter e não no horário local de quem fez a postagem. Se você não estiver logado, ela vai aparecer no formato UTC-8, o horário padrão do pacífico, que é o fuso horário da costa oeste dos EUA.

No Facebook: Aqui, o horário e data são exibidos no fuso selecionado nas configurações do seu aparelho (celular, tablet, computador) e também não no horário local de quem fez a postagem.

Youtube: Na plataforma, a data aparece no horário padrão do pacífico. Utilizando o Youtube Dataviewer você pode ver o horário do upload no horário europeu e converter esse horário para o horário local. Depois você tem que convertê-lo para o horário de quem postou a imagem.

Instagram: Aqui, as informações estarão escondidas no código embed de compartilhamento do vídeo e foto, também no formato do horário padrão do pacífico ou no padrão europeu.

É realmente importante ficar atento a esses detalhes. Foi isso que levou o Ministério das Relações Exteriores da Rússia a duvidar de vídeos que mostravam um ataque com armas químicas em Ghouta, perto de Damasco, [em 2013](#). Os vídeos foram enviados nas primeiras horas de 21 de agosto, e, portanto, foram datados no YouTube como 20 de agosto. A ignorância em relação a esse fato levou o Ministério das Relações Exteriores e outros a afirmar que os vídeos haviam sido encenados e enviados antes do horário em que aconteceu o ataque.

Nós nunca podemos, portanto, determinar o horário e a data de um acontecimento pela data e horário do upload. Para chegar às informações verdadeiras, temos que nos atentar a alguns detalhes: a busca reversa por imagens é muito importante, para já descartamos a possibilidade desse conteúdo não ser original. Além disso, condições meteorológicas também podem ajudar muito, e até as sombras do vídeo. Pois é.

Veremos como fazer tudo isso, mas lembre-se que o que pode te ajudar muito é encontrar conteúdos que corroborem o evento. A mesma cena vista por outro ângulo, por exemplo, relatos nas redes sociais... E é claro, encontrar essas fontes e checá-las. Não se esqueça também de procurar na imprensa notícias que corroborem ou refutem esses acontecimentos.

Vamos começar com as condições meteorológicas. Eu mencionei num vídeo anterior o caso da Rita Krill e do raio que caiu em uma árvore durante um tempestade na Flórida. Eu mencionei que, para atestar a veracidade do vídeo, os jornalistas verificaram se, no dia em que foi feito o upload, realmente havia uma tempestade por lá. Olha só como eles fizeram isso. Eles usaram o Wolfram Alpha, um agregador de informações que agrega também informações sobre o clima de um lugar em qualquer data. Eu posso dizer que essa foto foi tirada hoje no céu de São Paulo. Mas se eu buscar as condições meteorológicas da cidade, vou ver que é impossível. Hoje o tempo está fechado e chove em São Paulo.

Outro detalhe que pode te dar dicas sobre o momento em que a imagem ou vídeo foram produzidos é a sombra dele. Basicamente, você tem que pensar em quatro perguntas: Há sombra onde se espera que ela esteja? Ela tem o formato adequado? Todas estão na mesma direção? E, por fim, ela é adequada para a época do ano? Pois é. Se houver sombras visíveis, você poderá determinar quando a filmagem aconteceu verificando a direção do sol em um período específico do ano usando ferramentas como o Suncalc. Ele me mostra por exemplo, informações como a localização do nascer e do pôr do sol em determinada data e em que posição estaria a luz do sol em determinada horário.

Foi a falta de sombra e depois o seu aparecimento repentino que ajudaram jornalistas a descobrir que o famoso vídeo de uma águia 'capturando' uma criança no parque era falso. Ele

tinha sido manipulado. Fotos, como sabemos, também podem ser manipuladas, mas há uma boa ferramenta que ajuda a identificar essas interferências

Vamos resumir o que aprendemos sobre como checar marcas temporais:

1. Observe as informações sobre o clima no dia e no local onde o evento aconteceu. As condições climáticas são as mesmas das previsões do tempo locais e de outros conteúdos sobre o mesmo acontecimento? Use o Wolfram Alpha para realizar uma pesquisa.
2. Procure em fontes de notícias reportagens sobre os acontecimentos desse dia.
3. Para imagens e vídeo, procure quaisquer elementos identificadores que indiquem a data/hora, como relógios, telas de televisão, páginas de jornal etc
4. Use o Google Image Search ou o TinEye para realizar uma busca de imagem reversa. Se vários links para a mesma imagem aparecerem, clique em "Ver outros tamanhos" para encontrar a maior resolução/tamanho, que normalmente é a imagem original.
5. Verifique se a imagem tem todos os dados EXIF (metadados). Use um software como o Photoshop ou ferramentas gratuitas como o Fotoforensics.com ou Findexif.com para ver informações sobre o modelo da câmera, a data e hora da imagem (atenção: os dados podem informar configurações-padrão do fabricante) e as dimensões da imagem original. Lembre-se: redes sociais como Twitter, Facebook e Instagram removem a maioria dos metadados.

Nós chegamos assim ao final desse módulo. Espero que com essas dicas e ferramentas você consiga encontrar suas fontes de maneira mais rápida, assim como checar se elas são confiáveis. Essa é só uma parte do processo de verificação, mas como vocês puderam ver, ela é muito importante. Uma fonte não verificada, assim como uma data errada, podem invalidar toda uma apuração. O First Draft tem uma checklist para te guiar caso você esteja na dúvida se deve ou não publicar uma informação postada por alguém na internet. A ideia é que depois de todo esse processo você esteja apto a decidir corretamente. Obrigada pela companhia e não esqueçam de responder o questionário e de participar dos debates no fórum. Até breve!